



## O ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR COMO MOBILIZADOR DE PRÁTICAS DE LETRAMENTOS SOCIOCULTURAIS

Rita de Cassia Brêda Mascarenhas Lima<sup>11</sup>  
(UFBA)

Dinéa Maria Sobral Muniz  
(UFBA)

### RESUMO

Os estudos sobre a contribuição da Biblioteca Escolar para a formação de leitores e como espaço mobilizador de práticas de letramentos socioculturais vêm se avolumando nos últimos tempos. Essa demanda crescente se justifica pela necessidade de reconceptualização do papel que a biblioteca escolar vem assumindo nas práticas pedagógicas nas últimas décadas. Sendo a formação de leitores proficientes uma responsabilidade da escola enquanto principal agência de letramento, carece, nos dias atuais, dar uma centralidade ao debate sobre o modo e sobre as práticas de letramentos que tanto o espaço da sala de aula como a biblioteca escolar precisam assumir com vistas a ressignificar a aproximação dos jovens ao livro como objeto cultural. Com o objetivo de conhecer a realidade e as condições de funcionamento das Bibliotecas Escolares da rede estadual de Feira de Santana na Bahia, bem como as percepções de professores e alunos sobre o papel desse equipamento pedagógico na formação leitora dos alunos, temos desenvolvido uma pesquisa de doutorado, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, em que tomamos como referencial teórico a História Cultural e as Histórias de Leitura (Chartier, Burke, Hebrard, Manguel, Street, Abreu, Besnosik, etc.). Como método de coleta de dados estão previstos entrevistas narrativas, grupos de discussão e diário de campo. A pesquisa, em andamento, vem revelando as singularidades da cultura e dos cotidianos escolares e, alguns aspectos têm nos chamando à atenção, pois a realidade atual se contrapõe à de duas ou três décadas atrás. A presença de um acervo qualificado não é mais uma realidade distante, fato atribuído às políticas públicas de leitura instituídas desde o final da década de 80 do século passado. Entretanto, o que percebemos é uma tímida cultura escolar de articulação por parte dos sujeitos que assumem o fazer pedagógico.

**PALAVRAS CHAVE:** Biblioteca escolar; Letramentos socioculturais; Práticas pedagógicas; Formação do leitor.

---

<sup>11</sup>Mestre em Educação; Professora Assistente do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS; Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – FACED/UFBA.

Doutora em Educação; Professora Associada do Departamento de Educação II da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia; membro do Programa de Pós-Graduação em Educação da FACED-UFBA; Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem -GELING.



## INTRODUÇÃO

O que efetivamente buscam os alunos quando adentram o espaço da Biblioteca Escolar? É possível imaginar, no espaço da escola pública, uma biblioteca escolar em pleno funcionamento? Esses são alguns questionamentos que vem nos desafiando ao longo desta pesquisa de doutorado, inserida no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFBA, que tem como objeto de pesquisa as Bibliotecas Escolares da Rede Estadual de Ensino do município de Feira de Santana-Bahia.

Não são poucos os estudos e pesquisas que vem se ocupando desse objeto. Afinal, estando, nós, em pleno século XXI, para muitos o século do conhecimento, não é tarefa fácil aceitar com tranquilidade que as escolas, como principais agências de letramento, não priorizem o espaço da biblioteca escolar como centro difusor de informações e cultura.

Em uma breve imersão na história das bibliotecas escolares no Brasil é possível afirmar que, nos primeiros séculos de colonização até meados do século XVIII, a instituição de bibliotecas no cenário educacional foram oriundas das contribuições das instituições religiosas. Mas com a “decadência das Bibliotecas Conventuais e a rigorosidade da censura estabelecida no Brasil, até o final do século XVIII, o acesso ao livro e a outras fontes de informação impressas só foram regularizados a partir de 1810, com a instalação da Biblioteca Real, na cidade do Rio de Janeiro[...]” (MAROTO, 2009, p.47). Esse cenário nos possibilita intuir que a história das bibliotecas escolares no Brasil ainda é recente e, não sendo priorizada em nossa formação educacional, sofremos ainda hoje com a falta de priorização e, talvez, de reconhecimento do seu papel propulsor na formação de uma sociedade mais cidadã e de pessoas mais autônomas.

A pesquisa, em andamento, anseia revelar as nuances da cultura e do cotidiano escolar que corroboram ou não para a consolidação de práticas de letramentos socioculturais nos espaços das bibliotecas escolares e, assim, contribuir com os estudos que discutem o binômio práticas pedagógicas e biblioteca escolar, haja vista ser essa uma



demanda crescente, principalmente pelos resultados, ainda baixos, atingidos pelos alunos brasileiros nas provas que medem as habilidades de leitura, escrita e compreensão textual.

Os resultados apresentados ainda são parciais, posto que a pesquisa encontra-se na fase de diagnóstico e mapeamento sobre a situação atual das bibliotecas escolares (BE) da rede estadual de ensino de Feira de Santana na Bahia e, só posteriormente, será possível visibilizar as percepções de alunos e professores sobre o papel da BE na formação leitora dos alunos e as atuais condições de funcionamento disponíveis.

### **O LUGAR DA BIBLIOTECA NO ESPAÇO DA ESCOLA**

As discussões sobre de que forma o espaço da biblioteca escolar deve ser compreendido dentro da arquitetura escolar vem ganhando corpo, principalmente pelos estudiosos que buscam articular o binômio biblioteca escolar e práticas educativas.

Sanches Neto (1995, p. 31) em seu artigo intitulado *Desordenar uma biblioteca: comércio e indústria da leitura na escola* nos convoca a pensar que “A biblioteca não pode ser vista como um lugar secundário do estabelecimento escolar. Ela é o cerne do ensino e como tal deve ocupar uma localização privilegiada”. Esse debate ganha força, principalmente, quando percebemos que, na grande maioria das escolas públicas, o espaço da biblioteca escolar não foi incluído na arquitetura da escola. A instituição da biblioteca no cenário educacional vai acontecendo ao sabor dos desejos e interesses manifestos pelos gestores escolares que podem priorizar ou não a existência ativa desse espaço.

No caso de Feira de Santana, nas escolas foco desta pesquisa, o que vem sendo desenhado é uma presença muito tímida na BE no cotidiano e na cultura escolar. Tomamos nesse texto o conceito de cultura escolar defendido por Dominique Julia (2001, p.10) como sendo o “conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Assim sendo, buscamos conhecer o lugar reservado para funcionar a BE dentro das escolas. Na nossa



compreensão o lugar destinado ao funcionamento da BE, suas práticas ou suas ausências, já revelam um *modus operandi* da escola quando o assunto é articulação de práticas pedagógicas e biblioteca escolar/formação do leitor.

Ao adentrar as escolas percebemos que o que se revelou é que normalmente as BEs ficam distantes dos espaços de maior circulação dos alunos e, na sua grande maioria, trancadas. Não é difícil encontrar a BE em final de corredor, em salas localizadas na área externa da escola, como também fechadas por grades e cadeados, sem falar do espaço que deveria ser uma biblioteca escolar e hoje funciona como depósito de cadeiras, depósito de livros didáticos (milhares deles), computadores e outros equipamentos em desuso. Então, é possível pensarmos que, para estas instituições, “os comportamentos e as condutas inculcadas” nos jovens alunos quando o assunto é leitura são de descaso ou indiferença do papel social, político e estético da leitura na vida formativa.

Estando fechada a biblioteca dia após dia, torna-se comum aceitar a ideia de inexistência desse espaço. Mesmo que ele exista, cristaliza-se uma ausência, naturaliza-se a falta e, se tomarmos ao pé da letra a expressão de Umberto Eco (1994, p. 34) quando afirma que “todo texto é a uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor”, entendemos que o ato de ler precisa ser acionado, ensinado, mobilizado e, não o sendo, então a máquina continuará preguiçosa, por quanto tempo? Eis a questão!

São inúmeros os problemas elencados pelos gestores quando o assunto é a BE. Muitos atribuem como causa prioritária para o não funcionamento, a ausência de funcionários específicos para atuarem neste espaço. Faltam bibliotecários de formação na rede estadual, bem como há dificuldade de remanejamento dos funcionários que são contratados por empresas prestadoras de serviços ao estado<sup>12</sup> para assumirem tarefas na biblioteca. Dentre outras dificuldades apontadas está uma nítida falta de articulação

---

<sup>12</sup> No estado da Bahia, não há concurso para cargos técnico-administrativos das escolas a pelo menos duas décadas. São poucas as escolas que ainda possuem servidores efetivos do estado atuando nas escolas. Em proporção de funcionários nas escolas, a média aproximada é de um efetivo para 15 contratados. Das 37 escolas visitadas, nenhuma possui mais do que três funcionários efetivos. E os que existem estão em vias de aposentadoria.



entre as atividades desenvolvidas pelos professores, das mais variadas áreas, e a potencialidade inerente ao acervo disponível na biblioteca.

O que pensam os professores da educação básica da rede estadual de Feira de Santana sobre o papel da biblioteca escolar na formação leitora dos alunos? A biblioteca hoje disponível atende às expectativas dos alunos? Esses são questionamentos que ainda pretendem ser respondidas ao longo da pesquisa.

Mas, voltando para foco o município de Feira de Santana, este possui 73 escolas vinculadas à rede estadual de ensino. Destas, oito estão na zona rural e 65 na sede do município. Das 37 escolas já visitadas, é possível afirmar que apenas 11 destas instituições possuem bibliotecas em funcionamento.

Para classificação em biblioteca em funcionamento tomamos como parâmetro a existência de funcionários, mesmo não sendo bibliotecário de formação, que assumem abrir a biblioteca. Não é uma concepção ingênua a da nossa parte em instituir esse critério para eleger se a BE está ou não em funcionamento. Temos clareza que não basta abrir a BE, nem tão pouco considerá-la como BE apenas porque a escola dispõe de um acervo mínimo por aluno conforme prevê a Lei 12.244 de 24 de maio de 2010<sup>13</sup>. A referida Lei prevê em seu Art. 2º. *Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.* E no seu Parágrafo único define que *Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.* Entretanto, na nossa concepção, apenas assegurar a presença de um acervo mínimo no ambiente escolar, nem sempre garante que este se torne vivo e cumpra efetivamente seu papel de mobilização e ampliação de saberes.

Nos alerta Sanches Neto que

---

<sup>13</sup>Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Não pode ser esquecido que a biblioteca escolar tem uma função muito específica. Devemos redefinir o seu conceito tradicional de arquivo. Na escola, ela não tem a tarefa de catalogar e preservar livros. Não é um santuário onde devemos entrar em silêncio. É, isto sim, um labirinto vivo, palco e cenário de destinos múltiplos. Cada um deve percorrê-la da sua forma. (1995, pp. 31-32)

E tomando essa ideia de biblioteca como um “labirinto vivo, palco e cenário de destinos múltiplos”, voltamos à discussão sobre o destino que as bibliotecas escolares vem assumindo no interior das escolas. Não enfatizaremos aqui, os motivos e as angústias que nos causam quando adentramos as instituições formais de ensino e, percebemos logo pelo tom de acolhida do gestor quando este se antecipa em dizer “não há muito o que se ver aqui. Infelizmente não temos uma biblioteca funcionando”. Mesmo sendo recorrente, em muitas visitas realizadas, queremos aqui visibilizar outras realidades, que a contrapelo desse cenário tão comum, vem se esforçando para tornar a BE um espaço que imprima nas histórias de leitura dos alunos outras experiências de práticas de letramento socioculturais.

### **PRÁTICAS DE LETRAMENTOS SOCIOCULTURAIS**

A concepção de letramento sociocultural que baliza nosso estudo se ancora nos novos estudos sobre letramento desenvolvidos por Street (2010, 2014). Nesses estudos Street (2010, pp. 36-37) nos apresenta dois modelos de letramento. O *modelo autônomo* que “presume que o letramento é uma coisa autônoma, separada e cultural; uma coisa que teria efeitos, independentemente do contexto”. Acerca desse modelo Kleiman (1995, p. 21) ainda afirma que “há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que casualmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social”. E o *modelo ideológico*, este defendido pelo autor por entender que “não é só um modelo cultural, embora seja isso, mas ideológico porque há poder nessas ideias”, assim como afirma que “as práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas, e, como tal, os significados específicos que a escrita



ISSN: 2175-5493

## XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida” (*apud* Kleiman, 1995, p. 21).Nesses estudos busca-se compreender o letramento como prática social e plural, bem como entende que aos sujeitos se formam a partir de inúmeros eventos de letramento<sup>14</sup>.Parte-se da compreensão que as relações tecidas diuturnamente nos variados espaços formativos se interconectam e seimbricam na constituição do modo de ser e de fazer dos sujeitos. Pautado nessa ideia, compreendemos que as experiências e práticas desenvolvidas no ínterim das escolas são eventos de letramento que podem corroborar na constituição tanto do aluno cidadão quanto do aluno leitor.

Tecendo um olhar sobre o cotidiano escolar pesquisado, percebemos que das 11 escolas em que encontramos a BE em funcionamento, as realidades são bem diferenciadas. Há escolas que apenas mantem abertas as BEs com intuito de garantir aos alunos mais um espaço de realização de tarefas escolares. Outras conseguem, por meio de empréstimo do acervo, propiciar uma aproximação dos alunos aos livros disponíveis. E temos ainda, em número menor, a BE como um espaço vivo, fomentador de trocas e empréstimos de livros, com uma programação sociocultural que contempla debates, Conversa com Escritores, Cafés Filosóficos e Tertúlias Literárias<sup>15</sup>.

Quando há interconexão das ações propostas pela BE com as demais práticas educativas todas saem ganhando. Estamos nos referindo à consolidação de uma proposta pedagógica mais consistente, da formação humana e política de todos que compõem a equipe da escola e da relevância social que a escola passa a ter para a comunidade a qual atende. A escolha por desenvolver um trabalho de leitura que prime pela participação articulada e irrestrita de todos que compõem a escola, vem fazendo dos encontros ou cafés filosóficos, promovidos por uma escola pública visitada, momentos de grandes aprendizagens pedagógicas e humanas. Os cafés filosóficos são

---

<sup>14</sup>Segundo Kleiman (1995, p.40) “situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas”.

<sup>15</sup> Na escola visitada as Tertúlias Literárias são compreendidas como espaço de leitura e de debate que acontecem a partir de livros escolhidos pelos próprios alunos, mas integram o grupo: alunos, professores de várias áreas de conhecimento e os gestores (direção e vice direção). Dentre alguns livros que já foram debatidos: A culpa é das estrelas; Extraordinário; O menino de pijama listrado; Os miseráveis, entre outros.





organizados por alunos dos anos finais da educação básica, sob a orientação de professores de filosofia da escola. Segundos *folders* distribuídos pelos coordenadores da atividade, o objetivo é basicamente “proporcionar pausa para pensar e discutir educadamente, temas do universo filosófico, sem carga de erudição e obscurantismo muitas vezes associado à filosofia”. Como a atividade prever a participação de todos que assim o desejarem fazer, o momento é cuidadosamente organizado e nas palavras dos organizadores “o que anima o café filosófico é um enorme gosto pela discussão educada e pelo confronto intelectual entre pessoas reais. Faz nos sentir únicos, despertados, numa palavra, vivos!”.

Segundo Chartier (2001, p.20) “[...] cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”. E, nesta experiência compartilhada, neste belo exemplo de uma prática de letramento sociocultural, realizada no espaço de uma biblioteca escolar, é possível reafirmar o quanto de simbólico pode ser agregado nas histórias individuais e sociais de leitura dos envolvidos. Os alunos vão se constituindo leitores perspicazes quando através das práticas coletivas de leitura, inferência, interpretação e reelaboração do texto lido vão atribuindo novos saberes e descobertas propiciadas pelas denominadas práticas de sociabilidades defendidas por Chartier.

A leitura como afirma Cordeiro (2014, p. 20) tem “uma história diferenciada que se faz e se desenvolve em formas diversas e em épocas distintas da sociedade”. Portanto, as histórias de leitura individuais e sociais também são tecidasnesses emaranhados de idas e voltas que a vida dá e, por saberes, sabores e experiências que nos são ofertados ao longo da vida. Portanto, os sentidos que atribuímos ao que lemos, ao que vemos e ao que experienciamosse ampara na assertiva de que a leitura é eminentemente uma prática social e cultural, logocomungamos com Muniz e Rios (2007, p.186) quando afirmam que “todos os seres humanos podem se transformar em leitores da palavra e dos outros códigos que expressam a cultura, mesmo porque, sendo sujeitos de linguagem, carregam consigo o potencial de significar o mundo”.





Em relação ao espaço da biblioteca escolar como mobilizador de práticas de letramentos socioculturais, reafirmamos que não basta o espaço, a existência deste é fundamental, mas é preciso criar estratégias de mobilização e dinamização do acervo, é preciso conhecer as demandas, os gostos e interesses do público, é preciso oferecer de forma competente seu melhor produto (livros, filmes, documentários etc.). Não podemos desconsiderar que o livro como objeto cultural nem sempre esteve acessível a grande parte da população, sendo assim, redobra para a escola a responsabilidade de oferecer e assegurar à população não apenas o encontro com o livro, mas a competência de ler, reler, interpretar e atribuir sentidos.

Ao tratar da importância da leitura é preciso ficar claro que o ato de ler é complexo e que exige do leitor empenho, esforço, concentração e habilidades que perpassam pela intertextualidade, seleção, antecipação, inferência e verificação. Portanto, é preciso desconstruir a ideia, muitas vezes difundida, que a leitura é sempre prazer. Segundo Sant'Anna (2011, p. 15) "A afirmativa ou a noção de que a leitura é (ou deve ser) sinônimo de prazer não é apenas limitadora. É enganosa. Pode funcionar em alguns casos, mas não abrange a diversidade de experiências em face da leitura". E sendo assim, é papel primordial da escola e dos seus diversos espaços formativos oportunizar experiências leitoras as mais variadas.

Acerca desse papel social da escola na formação de alunos leitores competentes socialmente, defende Cunha (2014, p. 44) que:

O papel da escola, na atualidade, é refletir o dialogismo, não isento de conflitos, polifonias em relação aos enunciados, textos, discursos das diversas culturas locais com as culturas valorizadas por essa agência, para que a escola possa formar cidadãos democráticos e protagonistas, que sejam multiculturais em sua cultura e discursivamente eficientes.



## LETRAMENTO E FORMAÇÃO DO LEITOR

Ao tratar de letramento e formação do leitor é importante trazer à baila as contribuições de Cosson (2012); Paulino (2004) quando discutem a essencialidade de constar no cotidiano escolar a presença da literatura. Para Cosson (2012, p17) “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”. Não cabe aqui uma defesa qualquer para a presença da literatura dentro da escola. Mas, reconhecendo que a literatura nos empodera, nos permite viver culturas e tempos variados, nos ajuda a conviver melhor com nós mesmos e com os outros e nos humaniza como defende Candido (2004), que nossa defesa é pela instituição de uma concepção de letramento literário como condição basilar para a escola retomar seu papel social de formar sujeitos mais humanos, mais sensíveis e mais autônomos e, conseqüentemente, contribuir no processo de formação do leitor.

Ainda no que tange o papel da literatura na constituição individual e social dos homens, afirma Cosson (2012, p. 17)

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.

A experiência oriunda das visitas aos espaços da biblioteca escolar da rede estadual de ensino em Feira de Santana vem revelando uma baixa procura aos textos literários pelos alunos. Acerca dessa realidade alguns questionamentos precisam ser feitos. O que tem provocado essa baixa procura? O acervo disponível é compatível aos interesses dos alunos? Há, por parte dos professores/mediadores de leitura, investimento em oportunizar estratégias de aproximação dos alunos ao texto literário? E além dos questionamentos, vale a pena pensar sobre o que nos assinalam Silva; Ferreira e Scorsi (2009, p. 55) “precisamos escutar mais os leitores de carne e osso que temos diante de nós. Não apenas acerca das histórias que leram ou estão lendo, mas a



respeito de si mesmos e de sua vida, de seu itinerário como pessoa”. Portanto, estamos diante de novos desafios quando o assunto é a formação de leitores. Não nos basta afirmar que hoje as bibliotecas escolares contam com um acervo razoável de literatura nacional e estrangeira, fruto das Políticas de Formação de Leitores instituídas pelo Ministério da Educação, é preciso descortinar os cotidianos das BEs na tentativa de conhecer como efetivamente vem sendo as práticas de letramentos socioculturais oportunizadas pela principal agência de letramento que é a escola.

## CONCLUSÕES

Tematizar a relação entre o papel da biblioteca escolar e as práticas de letramentos socioculturais presentes no cotidiano escolar e nas itinerâncias formativas dos alunos é um desafio necessário quando elegemos a formação do leitor como foco de estudo e de pesquisa.

Reconhecemos que muitos são os escritores, professores, pesquisadores brasileiros e estrangeiros que atribuem à biblioteca a sua iniciação no mundo da leitura, das artes, da inserção social mais efetiva. Entretanto, a realidade brasileira vem nos mostrando como a cada dia, mesmo com todos os investimentos oficiais de programas que visam inserir o livro nos espaços escolares, a exemplo do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE<sup>16</sup>, Literatura em minha casa<sup>17</sup> etc., ainda é muito tímida a presença articulada desse equipamento nas escolas brasileiras, em especial na rede estadual baiana, bem como é bem limitada a busca pelo espaço da biblioteca por grande parte da população brasileira.

Ao longo da trajetória como docentes do ensino superior das disciplinas Estágio Supervisionado e Formação do Leitor, do envolvimento em projetos de pesquisa e extensão, bem como por vivenciar o espaço das escolas, como *lócus* de acompanhamento das práticas de estágio e de extensão, percebemos a importância e o papel

---

<sup>16</sup>O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura aos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Ver [portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br)

<sup>17</sup>PNBE 2001 – Denominado “Literatura em minha Casa”, o acervo foi composto por seis coleções diferentes, cada uma com cinco títulos: poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal e peça teatral. Pela primeira vez, as coleções foram entregues aos alunos para levarem para casa. A ideia do programa foi incentivar a leitura e a troca dos livros entre os alunos, além de permitir à família do estudante opção de leitura em casa. As escolas também receberam quatro acervos para sua biblioteca.



preponderante que a leitura pode exercer na formação e, conseqüente, inserção social dos sujeitos na sociedade contemporânea (Chartier, 2001; Manguel, 1997; De Certeau (2007); Abreu, 1999; dentre outros). Foi justamente daí que nasceu o interesse por pesquisar o cenário escolar, o cotidiano (condições de funcionamento), as práticas e percepções sobre o ambiente escolar e, mais precisamente, sobre a biblioteca escolar.

A pesquisa, em andamento, já nos aponta a necessidade de uma imersão densa no cotidiano e na cultura escolar com intuito de desvelar as singularidades dos fazeres pedagógicos e as percepções sobre o papel das BEs na constituição leitora dos alunos.

O que nos move é acreditar que a leitura em nossa vida exerce uma necessidade vital como defende Manguel (1997, p.20) “Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é uma função essencial”. E tendo a leitura essa função essencial, nós, educadores, mediadores de leitura assumimos um papel preponderante na consecução desse objetivo maior que é tornar o aluno um sujeito leitor. Um leitor que reconhece a essencialidade do papel da leitura na construção de sua própria identidade, portanto, na escrita da sua própria história. Portanto, defendemos que o espaço da biblioteca escolar pode ser sim um mobilizador de práticas de letramentos socioculturais quando abre suas portas e propicia aos alunos experiências leitoras para além das tarefas obrigatórias solicitadas pela própria escola. Oferece possibilidades de através dos livros mergulhar em outros mundos, outras realidades, outras culturas.

## REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.  
CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura*. In.: Obras completas. 2004.  
COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2012.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; LIMA, Elizabeth Gonzaga de. (Orgs.) *Modos de ler: oralidade, escritas e mídias*. Curitiba: Arte & Letra, 2014.
- CUNHA, Úrsula Nascimento de Sousa. *Letramento escolar e cotidiano*. Análise de experiências sobre práticas de letramento à luz da crítica cultural. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.
- DOMINIQUE JULIA. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. No. 1; Jan./jun. 2001.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MAROTO, Lucia Helena. *Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- PAULINO, Graça. *Saberes literários como saberes docentes*. *Presença Pedagógica*, v. 10, n. 59, set./out., 2004, p. 55-61.
- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Org.). *Leitura literária – a mediação escolar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma Biblioteca: comércio e indústria da leitura na escola. In.: *Revista Leitura: teoria e prática*. Campinas: ALB/Porto Alegre: Mercado Aberto, v.14, n. 26, pp. 30-34, dez. 1995.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Ler o mundo*. São Paulo: Global, 2011.
- SILVA, Lílian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosalia de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In.: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) *Biblioteca escolar e práticas educativas – o mediador em formação*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.
- STREET, Brian V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In.: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.) *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- MUNIZ, Dinéia Maria Sobral; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Histórias de leitura de alunos e alunas da roça. In.: MUNIZ, Dinéia Maria Sobral; SOUZA, Emília Helena P. M. de; BELTRAO, Lícia Maria Freire (Orgs.). *Entre textos, Língua e Ensino*. Salvador: EDUFBA, 2007.
- STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. 1ª. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.